

Diário de Viagens Fora da Minha Terra

EUGÉNIO LISBOA (2017). *Diário de Viagens Fora da Minha Terra*. Guimarães: Opera Omnia, 136 p.



Eugénio Lisboa entre o sonho e a realidade

Manhã em Hollywood: Passeio da Fama, compra de bugigangas – o costume. Como seria de esperar, o sonho revelou-se maior (e melhor) do que a pífia realidade... Mas difícil reconciliar esta palhaçada com os grandes filmes que guardo na memória.

Eugénio Lisboa, *Diário de Viagens Fora da Minha Terra*.

Diário de Viagens Fora da Minha Terra, de Eugénio Lisboa, tal como diz o autor na sua abertura, era para fazer parte do quinto volume das suas memórias, *Acta est Fabula*, mas tornar-lhe-ia longo demais. Pela minha parte só lhe agradeço pela decisão acertada, pois ter um novo livro do autor nas mãos, lê-lo frase a frase, regressar a páginas anteriores para me certificar de uma ou outra afirmação ou observação é dos meus mais belos momentos de leitura na nossa língua. Este diário data de 1996 até 2013, ou seja cobre os últimos anos de euforia generalizada no nosso país, e depois os anos de chumbo, que ainda não passaram totalmente. Viajar, para Eugénio Lisboa, fez sempre parte da sua já longa vida, a partir do momento que deixou Lourenço Marques em 1947, e depois no seu regresso a Moçambique após completar o curso em engenharia electrónica no Instituto Superior Técnico. Viria definitivamente para Portugal logo após o 25 de Abril, seguido de um também longo intervalo de 17 anos como Conselheiro Cultural na Embaixada de Portugal em Londres. O resto da sua distinta biografia é bem conhecida dos seus leitores, ou então será conhecida por futuros leitores seus. Do mesmo modo, a sua obra é tão extensa

que ocupa um espaço muito maior do que este. Ler, por exemplo, José Régio sem ler o que Eugénio sobre ele comentou e analisou ao longo da vida seria perder alguma da mais inteligente e consequente interpretação ou hermenêutica (que me perdoe ele por este palavrão académico) na nossa língua, o mesmo aplicando-se a outros grandes escritores nossos como Jorge de Sena e Eça de Queirós. Exactamente por esta vasta experiência de vida com origens em África e pelas suas intermináveis leituras, abrir um livro de Eugénio Lisboa é viver a língua portuguesa na sua plenitude e presença mundial, é conhecer-nos de fora para dentro através de outras literaturas, especialmente a anglo-saxónica e a francesa. Pelo meio, ficamos a conhecer todo um distinto rol de escritores lusos que nasceram, viveram e vivem fora do nosso país, e cujos nomes e obras tenho mencionado noutras ocasiões e contextos. Pouquíssimos entre nós conseguem escrever com a sua clareza e uma simplicidade que contêm em si o mais profundo e complexo pensamento sobre a arte literária, e não só, ninguém entre nós cita nos seus textos, sempre apropriadamente, tantos outros e outras das mais variadas línguas e tradições. Citando Harold Bloom, no seu recente *The Daemon Knows*, a propósito de outros, para Eugénio Lisboa «crítica é memória», a literatura lembrada como outro arquivo criativo da História, a memória de termos sido e vivido nas mais variadas e distantes geografias.

O diário de Eugénio relata-nos as suas visitas a vários países e cidades, nomeadamente, e por esta ordem, Montevideo, Los Angeles, Peru, Viena, Budapeste, Praga, São Tomé, Havana, Paris e Marrocos. É claro que viajarmos com este autor é, em primeiro lugar, dar-nos conta do quanto não sabíamos nem sabemos. Se algumas das vezes vai principalmente ao encontro de familiares residentes no além-fronteiras, Eugénio nunca deixa de explorar minuciosamente cada recanto de uma outra cultura, seja ou um famoso museu (Paris) ou outro menos conhecido ou esotérico (Peru), tudo em sociedades bem diferentes da nossa, e como leitor omnívoro nunca deixa de entrar nas livrarias à procura de um livro e quase sempre vivendo momentos de epifania ante um outro autor ou tema. Por vezes estamos perante uma prosa quase telegráfica, que nunca perde os significados mais consequentes no nosso próprio entendimento ou descoberta do que antes nos passara ao lado. O humor na sua prosa, que fica algures entre a sátira arrasadora à moda portuguesa e a leveza anglo-saxónica, é outra qualidade constante da sua escrita. O autor de *Portugaliae Monumenta Frivola*, por exemplo, é um inveterado aficionado do romance policial ou *thriller* político, as suas companhias que ele vai comprando nos próprios aeroportos antes de embarcar, e de seguida manda uma piada a um Vergílio Ferreira (falecido em 1997), que se levava demasiado a sério e desdenharia

destas leituras, vivendo angustiadamente, diz-nos Eugénio Lisboa, obcecado pelo Prémio Nobel, e que provavelmente só desdenharia destas outras leituras. Só que estas outras leituras de Eugénio, segundo ele próprio, por vezes superam a mais séria pretensiosidade literária em pensamento e artifício entre nós. Faz-me lembrar um antigo mestre meu na Califórnia que nos fazia ler um pouco de tudo, sendo obrigatório um encontro com Raymond Chandler e o seu *Lady In The Lake*, entre alguns outros escritores que tinham os subterrâneos de Los Angeles como palco de corações atribulados e a constante manifestação do Mal. Por outro lado, sempre que ele se lembra de José Saramago, já sei que vou rir. «Nesta celebração pessoana» – escreve enquanto voa para o Uruguai – «que vai ter lugar em Montevideo (capital da cultura da América latina, em 1996) estava prevista a vinda de Saramago que, afinal, não vem. Porque seria? A mim, torna-me a viagem simplesmente mais agradável». É esta prosa algo felina que se junta a uma espantosa erudição literária e à mais séria consideração sobre literatura e o seu lugar nas diversas civilizações. A partir de certa idade, decidi ler só os livros que me movem e comovem, e na nossa língua toda a obra de Eugénio Lisboa, que inclui poesia, é um dos meus grandes prazeres, o texto ainda como fonte de saber, de descoberta.

«Havana. Confesso» – escreve num passo datado de Dezembro de 2009 – «que não tenho muita paciência para a incoerência – para lhe não chamar má fé – de certos escritores. García Márquez embirra solenemente com Hemingway e trata de denegri-lo, sempre que pode. Coloca-o, por exemplo, muito abaixo de Steinbeck e de Dos Passos, o que me dá vontade de rir. Mas, depois de dizer, em certo ponto, que Hemingway é *o afortunado autor de muchos cuentos maestros e, adiante, que é o autor de vários cuentos – esos si extraordinários, prevê que a sua fama não resistirá e que se acabará mucho antes que la cuenta bancaria de sus herderos, etc.* Como é que a fama de um autor de *cuentos extraordinários e de cuentos maestros* se apaga com tal presteza – é um mistério que não consigo decifrar.»

Deixei propositadamente para a última parte deste texto a visita de Eugénio Lisboa a Los Angeles, pois andei por lá boa parte da minha vida. As palavras da epígrafe aqui transmitem impressões que, se não são necessariamente consensuais, a verdade é que eu estou inteiramente de acordo. Entre o sonho que Hollywood sempre transmitiu ao mundo através do cinema e a realidade fica um fosso de fealdade e miséria humana. A Hollywood que vemos cá fora não tem nada a ver com as imagens de casas luxuosas, palmeiras ao vento, e uma *california girl* de cabelo a voar num descapotável topo de gama à beira-mar e a alta velocidade. Isso tudo fica em Beverly Hills e Malibu (já vamos lá), onde vivem os milionários e os seus criados, inclusive portugueses. Quase todos os

seus actores mais famosos escolhiam outras paragens para a sua vida quotidiana. O mundo é pequeno, sabemos. Foi uma grande surpresa para mim quando topei neste diário de Eugénio um grande médico russo e judeu, de nome Boris Catz, falecido em 2013, e que fora o dedicado marido da falecida Rebecca Catz, também judia nova-iiorquina e filha de russos que se doutorou com uma tese brilhante intitulada *A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto*. Por vias que não preciso explicar aqui, cheguei a ir a casa deles mais do que uma vez, e tomar um copo com Boris, rico aposento onde se respirava cultura e arte, humanismo e inteligência. Publiquei, em 1980, no *Diário de Notícias*, uma longa entrevista com a autora sobre a sua obra. Entre muitas outras originalidades acerca do nosso clássico “oriental”, ela afirmava que se tratava do primeiro grande livro europeu anti-cruzada, anti-imperialista. A dedicação de Boris à memória da sua mulher e grande companheira de vida era de tal ordem que o levou a instituir uma conferência anual em Los Angeles sobre questões culturais lusas. Foi por isso que Eugénio lá foi em Março de 2005. Foi ainda nestas páginas que reencontrei o amigo Eduardo Mayone Dias, natural de Lisboa, mas que viveu a maior da sua vida naquela cidade e como Professor da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Injustamente esquecido no seu país natal, foi Mayone Dias que influenciou a minha geração quanto à História e outros estudos sobre as nossas comunidades imigrantes no oeste americano, na sua maioria oriundas dos Açores.

Diário de Viagens Fora da Minha Terra foi para mim, como será para outros, um passeio não da fama mas, sim, do saber, um passeio de descoberta e reencontro com vários países e cidades. A geografia das suas andanças denota logo o que nos vai dizer sobre escritores nessas suas cidades, como quando nos relembra quão estranho se sentiria Kafka dentro da grandeza de Praga, assim como outros escritores e artistas da Europa Central na encruzilhada da história, cultura e línguas diversas. Basta só uma insinuação, a citação de um nome ou obra para nos abrir a memória ou, melhor ainda, para nos indicar leituras essenciais ao nosso tempo e lugar planetário.

Vamberto Freitas